

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

1º Ciclo de Estudos em Criminologia



Projeto de Graduação

Fatores Ligados ao Consumo de Drogas na População Reclusa: Estudo Empírico

Ana Borges

Porto, 2022

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

1º Ciclo de Estudos em Criminologia



Projeto de Graduação

Fatores Ligados ao Consumo de Drogas na População Reclusa: Estudo Empírico

Ana Borges

Porto, 2022

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

1º Ciclo de Estudos em Criminologia



Projeto de Graduação

Fatores Ligados ao Consumo de Drogas na População Reclusa: Estudo Empírico

(Ana Rita Coelho Borges)

Projeto de Graduação apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciado do Curso de Criminologia sob a orientação da Professora Doutora Glória Jólluskin

RESUMO

O presente projeto de graduação foca-se nas drogas e fatores sociais e pessoais associadas à mesma em contexto prisional. Sendo, o intuito do mesmo apresentar uma proposta de investigação sobre como abordar e verificar as teorias, posteriormente apresentadas, na realidade reclusa. Salienta-se que para realizar o trabalho, foi analisada a literatura sobre o tema. Desse modo, para sustentar o projeto irá ser explorado modelos teóricos que procuram explicar os diferentes motivos ou fatores relacionados com o abuso de estupefacientes em contexto prisional.

A elaboração desta temática é relevante sendo que, o uso de drogas representa um elevado risco tanto na comunidade fora do contexto prisional, como dentro do mesmo. Por esse motivo, abordar esta problemática é fundamental para se conseguir construir meios que contribuam para a compreensão de como o consumo de estupefacientes é assumido pelos reclusos no meio prisional, tendo presente que, o fenómeno da droga está longe de ser erradicado. Por conseguinte, a necessidade de consciencializar as pessoas para a influência das drogas entre reclusos é importante, para que se possa procurar ou construir métodos para diminuir a mesma.

Com o intuito desta abordagem, inicia-se o projeto com o enquadramento teórico da problemática aqui abordada, explorando diversos estudos e investigações relacionadas ao uso de drogas em meio prisional. Posto isto, apresenta-se o objetivo central, assim como, a metodologia que irá ser utilizada. Posteriormente, é referida a amostra escolhida e que procedimentos irão ser concretizados para a realização da presente investigação. Por fim, são apresentados os resultados que se espera ser obtidos durante a mesma.

Palavra-Chave: Drogas; Contexto Prisional; Reclusos; Motivações

ABSTRACT

This graduation project focuses on drugs and the social and personal factors associated with them in prison settings. The purpose of this project is to present a research proposal on how to approach and verify the theories, later presented, in prison reality. To carry out this work, the literature on the subject was analyzed. Thus, to support the project, theoretical models that seek to explain the different motives or factors related to drug abuse in prison settings will be explored.

The development of this theme is relevant because the use of drugs represents a high risk both in the community outside the prison and inside it. For this reason, addressing this issue is essential to build means that contribute to the understanding of how drug use is assumed by prisoners in prison, bearing in mind that the drug phenomenon is far from being eradicated. Therefore, the need to raise awareness of the influence of drugs among inmates is important, so that methods to decrease it can be sought or built.

With the purpose of this approach, the project begins with the theoretical framework of the problem addressed here, exploring various studies and research related to drug use in prison. After that, the central objective is presented, as well as the methodology that will be used. Subsequently, the sample was chosen and the procedures that will be implemented to carry out this research are mentioned. Finally, the results that are expected to be obtained during this research are presented.

Key Words: Drugs; Prison Context; Inmates; Motivations

Ao meu pai.

Agradecimentos

A realização deste Projeto de Graduação não seria possível sem o apoio de várias pessoas importantes na minha vida e no meu percurso acadêmico.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Prof. Dr.^a Glória Jólluskin, pela sua disponibilidade e incentivo na realização deste projeto. Vale ressaltar as suas críticas construtivas e momentos de reflexão, sem os quais não poderia ter construído este trabalho.

À minha mãe, Maria Elvira, para quem não há agradecimentos suficientes. Sem ti não seria quem sou hoje, e não estaria onde estou. A minha melhor amiga, que me apoia até ao fim.

Aos meus irmãos, Marina e Paulo, por todas as conversas, discussões, incentivos, e toda a paciência que tiveram comigo. Mas, a cima de tudo, agradeço por confiarem sempre no que sou capaz e no que posso vir a realizar.

Ao meu cunhado, Hugo Santos, por ser o maior exemplo que tenho academicamente. É de salientar, a sua vontade e disponibilidade para me ajudar sempre que precisei, e ter sido um grande contributo para a construção deste trabalho.

Ao André, por me lembrar todos os dias do que sou capaz. Por todo o apoio, carinho, paciência, e persistência que tem para comigo, não deixando que vá a baixo em momento algum.

A todas as outras pessoas que passaram pela minha vida académica. A sua contribuição foi fundamental para que eu crescesse.

Índice

Introdução	10
Capítulo I – Enquadramento Teórico	13
1. Aspetos do Meio Prisional	14
1.1. Trabalhadores da DGRSP em Estabelecimentos Prisionais.....	14
1.2. População Prisional e Crimes Cometidos	15
1.2.1. Perfis dos Reclusos Portugueses	16
1.3. A relação entre Droga e o Meio Prisional	17
2. Estudos da Literatura Científica	18
2.1. Modelos explicativos de Michael Wheatley (2007).....	19
2.1.1. Modelo da Automedicação.....	19
2.1.2. Modelo de Gestão de Tempo	19
2.1.3. Modelo da Rede Social	20
2.1.4. Modelo do Estatuto	20
2.1.5. Modelo Económico	21
2.2. Outras Investigações	21
3. Estudos Abordados e a sua Ligação com os Modelos da Privação e Importação	23
Capítulo II – Estudo Empírico	26
1. Método	27
1.1. Objetivos e Metodologia.....	27
1.2. Amostra.....	27
1.3. Material	28
1.4. Procedimentos	28
2. Resultados Esperados	30
Conclusão	31
Bibliografia	33
ANEXOS	35

Introdução

O projeto foi concretizado no âmbito da unidade curricular “projeto de graduação”, tendo como fim apresentar uma proposta de intervenção teórica, a ser aplicada em contexto prisional. O intuito deste trabalho passa por esclarecer que podem existir motivações ou fatores fortes e específicas que leva os reclusos a quererem continuar ou, começar a consumir estupefacientes dentro do estabelecimento prisional (Wheatley, M. 2007).

Os estudos relacionados sobre esta temática são, cada vez mais, uma escolha de investigação apesar de, atualmente, ainda serem escassos, tal pode ocorrer devido às questões éticas envolvidas no presente contexto, da mesma forma que os meios para obter dados fiáveis podem não ser os melhores. Porém, é um tema que se destaca entre estudantes universitários que, pretendem compreender o porquê de ocorrer a entrada e consumo de drogas dentro de estabelecimentos prisionais. É de salientar também que, a ingressão de drogas em contexto prisional é um assunto abordado internacionalmente por vários investigadores como, Michael Wheatley (2007) e Wayne Gillespie (2005), tal como outros, que pretendem encontrar motivos ou fatores para a possível ocorrência deste fenómeno. Neste seguimento, a abordagem dos estudos mencionados foi realizada através de amostras de reclusos, com o intuito de obter uma maior fiabilidade nos dados recolhidos. No entanto, a perspetiva de técnicos dos sistemas prisionais é igualmente importante tendo como ponto positivo, o contorno às questões éticas envolvidas que, no caso da população prisional não é possível sem denunciar o envolvimento dos reclusos nas drogas.

Por conseguinte, a escolha deste estudo passa por procurar compreender e analisar, como referido, fatores que possam influenciar a população prisional a procurar substâncias ilegais. Para este efeito, um dos estudos relevante a ser abordado é, os modelos propostos por Wheatley (2007), que procuram explicar porque razão as drogas continuam a ser associadas entre pessoas que ingressam no meio prisional. Contudo, é importante ter em conta que esta associação pode ser feita antes e depois da pessoa entrar na prisão.

De acordo com Analia Torres e Maria Gomes (2005), no ano de 2001, foi realizada uma investigação que teve como foco conhecer a extensão do fenómeno do consumo de

droga nos estabelecimentos prisionais e, a conclusão que mais se destacou diz respeito ao facto de que, em Portugal, as drogas estão estreitamente relacionadas com a grande maioria das detenções. À vista disso, existem duas principais razões para a detenção de pessoas, desde o cometimento de um crime diretamente relacionado com drogas, até o cometimento de crimes, como sejam, furtos ou roubos, com o intuito de obter financiamento para o consumo de estupefaciente, no caso, crime indiretamente relacionado com drogas. Ainda assim, nem todos os furtos ou roubos têm o fim de obter ajuda ou lucro financeiro para o consumo de substâncias.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. Aspetos do Meio Prisional

O clima/meio prisional, é percecionado através da população reclusa e dos funcionários dos estabelecimentos prisionais com base, nos aspetos sociais, organizacionais e físicos dos mesmos (Ross, M. W. et al. 2008). Mais concretamente, o clima prisional pode sofrer variações de prisão em prisão, influenciando, inclusivamente, o uso de drogas por parte da população prisional.

1.1. Trabalhadores da DGRSP em Estabelecimentos Prisionais

No ano de 2021, a 31 dezembro, os estabelecimentos prisionais em Portugal eram constituídos por 5 150 trabalhadores, como guardas prisionais, técnicos, dirigentes, entre outros. Estes profissionais empregues nos sistemas prisionais têm como função,

“a avaliação de risco e necessidades do recluso, programação, monitorização e avaliação da execução da pena; no desenvolvimento de atividades de tratamento prisional nas áreas de ensino e formação profissional, trabalho, atividades socioculturais e desportivas, na aplicação de programas específicos de reabilitação e prestação de cuidados de saúde. Planificação e supervisão das penas e medidas, bem como na aplicação de programas para necessidades específicas e articulação com a comunidade para promoção e respostas de reinserção social.” (DGRSP, 2022)

Este número de profissionais é repartido por instituições prisionais com diferentes graus de complexidade de gestão (grau elevado e grau médio) e, também, por diferentes cargos de serviço.

De acordo com a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, relativamente aos Estabelecimentos Prisionais (EP's) considerados de grau elevado, sendo estes 22 no total, apresentavam 22 dirigentes, 510 técnicos superiores (de reeducação, de reinserção social, de diagnóstico e terapêutica, administradores prisionais, especialistas de informática, inspetores de outros organismos, médicos, enfermeiros, assistentes religiosos, coordenadores do projeto), 305 assistentes técnicos (técnico-profissionais de reinserção social, de informática, de educação e de ensino superior), 134 assistentes operacionais, por último, 2 323 guardas prisionais masculinos e 374 guardas prisionais femininos.

No que diz respeito aos estabelecimentos prisionais de grau médio, 27 no total, eram constituídos por 24 dirigentes, 116 técnicos superiores, 132 assistentes técnicos, 18

assistentes operacionais e 1 008 guardas prisionais masculinos e 184 guardas prisionais femininos.

1.2. População Prisional e Crimes Cometidos

Segundo o estudo de Torres & Gomes (2005), no ano de 2001, construiu-se um perfil social predominante, em Portugal, descrevendo os indivíduos que entram nas instituições prisionais. Esse perfil social propõe que a grande maioria da população prisional representa indivíduos do sexo masculino (89%), solteiros e com filhos, sendo que, normalmente, os mesmos são resultantes de relações não assumidas publicamente. Tendo em conta que, o sexo masculino domina em contexto prisional, o sexo feminino representa uma porção menor do total de encarcerados (11%). Em comparação, no final de dezembro de 2020, segundo a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, verificou-se que o sexo masculino continua a predominar nas prisões, desta vez, em maior percentagem, com 93% (10 457 reclusos) e o sexo feminino com 7% (796 reclusas) do total da população reclusa (11 253 encarcerados). Deste total, em prisão preventiva encontravam-se 20% dos reclusos, correspondente a 2 273, e 80% encontravam-se em cumprimento de pena, 8980 reclusos.

Através das estatísticas prisionais anuais da DGRSP é possível, também, se verificar que, as faixas etárias da população reclusa são: 21-24 anos (600 reclusos), 25-29 anos (1358 reclusos), 30-39 anos (3662 reclusos), 40-49 anos (2955 reclusos), 50-59 anos (1789 reclusos) e 60 e mais anos (889 reclusos).

Ainda, no ano 2020, foi realizada uma estatística de jovens encarcerados, dando um total de 159 jovens em prisão. Entre os 16 e 18 anos eram 38 jovens, sendo que destes, 4 reclusos encontravam-se condenados e 34 reclusos encontravam-se em condenados preventivamente. Já, nas idades compreendidas entre 19 e 20 anos, representadas por 121 jovens, em cumprimento de pena eram 45 reclusos e em prisão preventiva era um total de 76 reclusos jovens.

No que diz respeito às habilitações académicas, no estudo proposto por Torres & Gomes (2005), verificou-se que, no ano 2001, entre a população prisional dominavam indivíduos com baixa escolaridade, no caso, 56% frequentou apenas 6 anos de escolaridade. Relativamente ao nível de escolaridade da população reclusa portuguesa, em 2020, 7,4% não tinha qualquer tipo de escolaridade, 22,5% frequentou o 1.º ciclo de estudos, 23,5 %

concluiu o 2.º ciclo de estudos, 28,2 % concluiu o 3.º ciclo de estudos, 13,8% frequentou até à conclusão do secundário e 3,1% tem o ensino superior concluído.

Juntamente aos dados anteriormente mencionados, e também de acordo com DGRSP, foi possível verificar a natureza dos crimes cometidos neste ano sendo esses, respetivamente, Crimes contra as pessoas (31%), Crimes contra o património (23,9%), Crimes relativos a estupefacientes (19,4%), Crime contra o Estado (11,2%), Crimes contra a vida em sociedade (9,6%), entre outros (4,9%). Em sequência, os tipos penais destes foram: tráfico (15,3%), furto (11,5%), roubo (10,4%), homicídio (10%), violência doméstica (9,5%) e condução sem habilitação legal (4,5%).

Assim, como é possível verificar nestas estatísticas, os crimes relacionados a estupefacientes encontram-se em terceiro lugar dos mais cometidos entre a população reclusa portuguesa no ano 2020. E, é neste ponto que o presente estudo pretende incidir, ou seja, os crimes ligados às substâncias ilegais não são os mais predominantes, porém, apresentam grande relevância quando se menciona o contexto prisional (Gillespie, 2005). Todas as drogas ilegais são diferentes e têm impactos diferentes entre cada pessoa, ainda assim, independentemente da substância em causa todas são punidas por lei e o suspeito que se encontrar na posse da mesma irá ser punido. (Montanari, L; Royuela, L; Hasselberg, I; Vandam, L. 2022).

De uma forma dominante, os reclusos são consideravelmente mais propensos a terem experienciado problemas com estupefacientes desde o consumo regular de droga até à venda ilegal da mesma, com isto, uma grande parte da população reclusa antes da prisão veio de grupos marginalizados ou ambientes familiares e sociais desfavorecidos (Woodall, 2011), algo que pôde levar as pessoas a sentirem a necessidade de se refugiar nas substâncias ilegais, como seja, por sobrevivência, por necessidade financeira, assim como por outros motivos (Fazel et al, 2017 citado por Montanari, L. et al 2022).

1.2.1. Perfis dos Reclusos Portugueses

No âmbito do estudo de Torres e Gomes (2002), traçou-se perfis específicos dos reclusos em três grupos distintos, com base em aspetos de caráter social, como sejam, nível de escolaridade, idade, sexo, entre outras.

O primeiro perfil é descrito por um grupo etário dos 26 aos 35 anos que, reincidiram duas ou três vezes tendo existido, anteriormente, contacto com substâncias ilícitas.

Encontrando-se detidos, direta ou indiretamente, por crimes relacionados com estupefacientes. Como segundo perfil, os autores consideram os indivíduos entre os 36 e os 45 anos assim como, pessoas do sexo feminino que se encontram encarceradas por tráfico ou abuso de drogas, ou seja, crimes diretamente ligados à droga. Por fim, no terceiro perfil são considerados reclusos do 46 ano adiante, cujos estão detidos por crimes sem relação ao abuso de estupefacientes e encarcerados pela primeira vez.

1.3. A relação entre Droga e o Meio Prisional

Compreender a relação entre as prisões e o uso indevido de drogas é crucial dado que, o uso de drogas é uma questão vivida internacionalmente, não sendo exclusiva de Portugal e, reconhecida “tanto por decisores políticos europeus como por peritos prisionais” (OEDT, 2009, 2010 citado por Silva, 2016). Com isto pretende-se dizer que, a circulação de estupefacientes dentro do meio prisional é uma realidade presente em todos os países, mesmo com a existência de sistemas penais e jurídicos que punem o fenómeno. (Soothill, 2007).

Contextualizar a droga em meio prisional, torna-se algo cada vez mais comum nos países desenvolvidos pois, apesar de poucos em comparação a outras questões, já existem investigações e estudos que suportam a entrada e manutenção de droga em estabelecimentos prisionais. Deste modo, é relevante mencionar que o meio prisional, pode ter influência nas atitudes dos reclusos respeitante ao abuso de drogas assim como, pode esmorecer o consumo das mesmas. Nesse sentido, reconhece-se que a entrada de estupefacientes pode ser facilitada pela heterogeneidade de serviços e pessoas que têm contacto com o interior da prisão, assim como pelos reclusos que usufruem do regime abertos ao exterior, isto é, “todos os contactos com o mundo fora da prisão são oportunidades para contrabandear drogas para dentro da prisão” (EMCDDA, 2002), podendo tornar o estabelecimento mais exposto à droga.

Deste modo, como é mencionado por Brochu, Brunelle & Plourde (2018), o ambiente prisional é ideal para o comércio de drogas, devido à sua população de traficantes de droga que estão, naturalmente, familiarizados com as entradas e saídas da rede de distribuição de drogas ilegais. O mercado da droga tende a ter continuidade entre as paredes dos estabelecimentos prisionais, a partir de reclusos que no meio livre dedicavam-se à venda ilegal de substâncias (Plourde and Brochu, 2002). Tal acontece, pois, a venda de droga, para uma grande parte dos reclusos, é só mais uma simples

atividade económica, assim como, uma outra oportunidade para criar ligações entre reclusos. No que toca ao negócio da droga entre encarcerados, o valor monetário das substâncias sofre alterações conforme a dificuldade de entrada na instituição prisional tal como, de acordo com a carência do produto no meio livre. Posto isto, dado que, o acesso a dinheiro é limitado para os reclusos, estes encontram outras as formas de pagamento, como por exemplo, trocar produtos obtidos na “cantina”, dinheiro que é depositado por familiares fora do estabelecimento ou através de presentes vindos do exterior (Brochu, Brunelle & Plourde, 2018), a partir do momento que as mesmas acabam é, nesse seguimento que as dividas começam a surgir e a tensão entre reclusos aumenta.

2. Estudos da Literatura Científica

Dado que, o âmbito do presente projeto passa por averiguar e examinar motivos/fatores que estejam ligados ao consumo de estupefacientes na população reclusa, é relevante explorar estudos presentes na literatura científica. Para o fim destes estudos são explorados, maioritariamente, fatores ligados a aspetos sociodemográficas (sexo, idade, habilitações académicas, estado civil, entre outras). Porém, o contexto/ambiente familiar na infância ou adolescência, como seja, a pessoa abandonar o seu lar para conviver com grupos consumidores de droga (Gillespie, 2005) é, igualmente, considerado em certos estudos (Torres & Gomes, 2002; Gillespie, 2005). Do mesmo modo que, o historial de abuso de droga é realçado como um comportamento contínuo, ou seja, mesmo as pessoas encontrando-se detidas poderão dar continuidade ao abuso (Gillespie, 2005).

Para o contexto deste trabalho, foram explorados alguns estudos que foram baseados em dois modelos estruturados para interpretar os “padrões de adaptação” dos reclusos dentro da prisão (Thomas & Foster, 1973). Estes modelos são: “The Deprivation Model” e “The Importation Model”, em tradução correta, “O Modelo de Privação” e “O Modelo de Importação” (Goffman 1961; Sykes [1959] 1971; Sykes and Messinger 1960; Thomas 1973; Thomas and Peterson 1997 como citado em Schmid & Jones, 1993). Começando pelo Modelo da Importação, este considera que a educação da pessoa e a posição social da mesma, características prévias ao encarceramento, são aspetos que se refletem nas respostas de cada em indivíduo em “situação de reclusão” (Thomas & Foster, 1973). Em segundo lugar, o Modelo da Privação, argumenta que as reações e atitudes de

cada indivíduo são modificadas conforme o stress ligado ao meio prisional (Schmid & Jones, 1993).

Dando seguimento ao enquadramento teórico, posteriormente, irão ser explorados alguns estudos que contribuíram para a procura de motivos de procura de substâncias ilícitas no meio prisional.

2.1. Modelos explicativos de Michael Wheatley (2007)

Com o objetivo de compreender e explicar o uso de estupefacientes no meio prisional, isto é, interpretando o meio prisional como encorajador do consumo de drogas, tendo em conta que, este pode ser um ambiente ligado ao abuso das mesmas (Swann e James, 1998 citado por Wheatley, 2007), Michael Wheatley (2007) examinou esta questão, propondo cinco modelos explicativos, visto que, o uso indevido de drogas pode servir uma variedade de propósitos para cada indivíduo, começando pela integração dos cinco modelos a serem abordados em baixo.

2.1.1. Modelo da Automedicação

Wheatley (2007), propôs no “Modelo da Automedicação” ou na sua forma original “Self-medication model”, que os reclusos têm tendência a consumir para combater o tédio e o trauma da vida prisional. Os reclusos podem sentir a necessidade de recorrer à automedicação para tentar combater a privação do sono dado que, é reconhecido por todos ou a maioria dos reclusos que conseguir ter uma noite de sono descansada é um desafio, tendo em conta, a monotonia da vida em meio prisional, possíveis algazaras entre reclusos durante a noite, entre outros aspetos que podem dificultar uma noite de descanso entre paredes prisionais (Keene J.,1997). Porém, a ideia da automedicação já era estudada por Edward Khantzian, no ano 1997, em que o autor propôs que o uso de drogas alivia o sofrimento psicológico nas pessoas dependentes de álcool ou drogas.

2.1.2. Modelo de Gestão de Tempo

No segundo modelo, - “Time-management model” - Michael Wheatley propôs que o uso de droga é visto como uma forma de passar o tempo e modificar a realidade onde os reclusos se encontram. Assim, com o contributo do ponto de vista de Nina Cope

(2003), foi possível demonstrar que a população prisional recorria a diferentes tipos de substâncias para fazer passar o tempo aparentemente sem esforço, principalmente através da utilização da cannabis e opiáceos, excluindo a cocaína devido às suas características viciantes. Contudo, apesar de dentro do contexto prisional os reclusos quererem encontrar meios que ajudem no decorrer do tempo, em meio livre o mesmo pode acontecer, apenas difere no facto de a pessoa não se encontrar detida, no entanto, esta pode sentir que a sua realidade não é favorável.

De forma simplificada, os reclusos recorrem às drogas com o intuito de fazer uma gestão simbólica do tempo, isto é, querem sentir que têm controlo na forma como a sua vida dentro de grades se desenrola.

2.1.3. Modelo da Rede Social

A este aspeto o autor designou “Status network model” e, tal como o nome indica passa pela construção de uma rede social entre prisioneiros, ou seja, é a vontade que um indivíduo tem de se integrar e criar laços sociais com outros membros do estabelecimento prisional. Nesse contexto, o uso de drogas pode facilitar no sentimento de abandono e isolamento fazendo com que sintam que pertencem a algum grupo vasto, no entanto, essa pertença pode levar ao uso contínuo e indevido de substâncias.

Todavia, da mesma forma que tal pode acontecer nas prisões, também pode ocorrer em meio livre, especialmente, em jovens e adolescentes que procuram formar novos vínculos sociais (Soares, FRR. *et al.*2019).

2.1.4. Modelo do Estatuto

Como quarto aspeto, o autor considera que para os reclusos obterem um bom estatuto dentro da prisão é importante. Por essa razão este modelo designa-se “Status Model”, dado que, no meio prisional o consumo de drogas pode ou não inflacionar a reputação dos reclusos na hierarquia social da prisão, por exemplo, como o tráfico de droga é considerado um esforço de alto risco é intensamente respeitado entre a população prisional. Por esse motivo, quem consumir e traficar dentro de grades pode obter um estatuto de relevância entre os pares.

2.1.5. Modelo Económico

O último modelo proposto por Michael Wheatley (2007), foi o “Economic Model” em que, tenta explicar o abuso de drogas através de incentivos económicos. À vista disso, há prisioneiros que vão tentar influenciar outros a consumir, usando as suas vulnerabilidades, com o intuito de obter lucro financeiro através da distribuição ilegal de drogas na prisão (Crewe, 2005). Existem entrevistas e estudos que, mostram que uma grande parte dos prisioneiros com historial de tráfico de droga, continuam o seu negócio dentro das prisões pois, consideram que é a melhor forma de manter a estabilidade e estatuto social.

Posto estes modelos propostos por Michael Wheatley (2007), é importante compreender que é possível se verificar estas motivações, também, na vida pessoal e social das pessoas no mundo exterior à prisão. (Soares, FRR. *et al*, 2019). Apesar do contexto prisional poder ser propício ao uso de drogas, o mesmo pode acontecer no meio livre, mais frequentemente, junto dos jovens e adolescentes, que têm como motivações, igualmente, a atenuação de crises existenciais e formação de vínculos sociais com os pares (Soares, FRR. *et al*, 2019).

2.2. Outras Investigações

Este enquadramento teórico ainda conta com mais contributos relevantes e teóricos de outros estudos realizados sob a problemática. Iniciando com o estudo de James Woodall (2011), em que o seu propósito é examinar fatores sociais e ambientais, dentro do contexto prisional, que podem influenciar os indivíduos a consumir drogas (Woodall, 2011). Assim, como resultado da sua investigação o autor verificou que, o tédio da vida institucional, os testes obrigatórios de drogas (nestes testes as drogas pesadas não eram detetadas, encorajando os indivíduos a consumir estas), a influência e pressão de companheiros prisionais, assim como, a disponibilidade de drogas eram os fatores com maior influência para o abuso de substâncias durante a reclusão.

Um outro estudo foi realizado por Nevárez-Sida; Constantino-Casas e Castro-Ríos (2012), tendo como fim determinar as principais variáveis socioeconómicas associadas ao abuso de drogas entre a população reclusa Mexicana. Neste sentido, averiguaram que

as variáveis negativamente associadas eram: ser do sexo masculino, a casa de infância ser partilhada com adultos que consumiam substâncias ilegais, abandono da casa de infância, a existência de penas anteriores, do mesmo modo, a discriminação ou abuso aumentavam as chances de consumo. Contudo, de todas estas variáveis o consumo prévio era que apresentava maior influência para o abuso durante a reclusão.

Gillespie (2005), foi outro investigador que destacou a relação das substâncias com o meio prisional e pessoas mais novas que, não faziam parte de atividades religiosas da instituição. Aqui, foi possível verificar que o consumo e tráfico, prévio à reclusão, de substâncias estão fortemente associados ao consumo, assim como, um grande número de anos de encarceramento.

No estudo Rowell, Wu, Hart, Haile e El-Bassel (2012), focou-se em participantes encarcerados em uma das mais maiores prisões de máxima segurança dos Estados Unidos, mais concretamente, em participantes negros. Nos resultados percebeu-se que quanto maior o historial de abuso de estupefacientes e quanto maior o tempo passado dentro da prisão, mais provável é ocorrer a utilização de drogas, sejam essas, pesadas ou leves. A probabilidade só era menor em reclusos no regime probatório.

De uma outra perspectiva, existe o estudo de Boys e colaboradores (2002), em que o seu objetivo foi investigar o uso de heroína e cocaína em uma amostra de participantes britânicos e, explorar as características dos reclusos que consomem pela primeira vez na prisão. Nas suas conclusões, percebem que as instituições prisionais são um ambiente de risco elevado para se iniciar o uso, seja de heroína ou outra substância existente. Apesar de, aqui, recorrerem a variáveis psiquiátricas, estas não foram muito associadas ao início da droga na prisão, apesar de ser, igualmente, um fator.

Nesta investigação, o historial familiar e escolar prévio à prisão apresentou relevância, dado que, foi possível verificar que pessoas que na infância tiveram sob o encargo de um sistema de proteção têm maior probabilidade de recorrer ao consumo, tal como, a abstinência escolar antes dos 15/16 anos pode também aumentar esta probabilidade. Da mesma maneira, existem outras variáveis, já verificadas em estudos anteriores, que podem aumentar a chance de abuso, como por exemplo, um histórico prisional vasto, desde um grande número de reclusões até um grande período de tempo servido dentro de um estabelecimento prisional (Boys, A. *et al.* 2002). É importante mencionar que,

reclusos que já tenham passado por eventos sociais ou familiares traumáticos é um fator de risco para recorrer a uma das drogas em estudo, a cocaína.

Porém, neste estudo, também se verificou, variáveis que diminuía a probabilidade de utilização de substâncias. Serve de exemplo, participantes que passaram um pouco da sua vida como sem-abrigo, no caso, a probabilidade de uso de heroína era menor; reclusos que foram sujeitos a bullying, ao contrário do que é esperado, não procuram substâncias ilícitas.

Em último lugar, mas não menos relevante, foi analisado o estudo de Lukasiewicz e colaboradores (2007). Neste foram estudados alguns aspetos sociodemográficos de participantes franceses. Em resultado desta investigação, os autores averiguaram que reclusos com mais idade e casados não eram, geralmente, associados à dependência de drogas. Relativamente, ao historial familiar de infância, as pessoas, na altura jovens, que foram retirados antecipadamente dos pais representavam um maior risco para iniciar o consumo de estupefacientes. No que diz respeito, aos aspetos de reclusão, os participantes toxicodependentes representavam maior reincidência em medidas disciplinares (Lukasiewicz, M. *et al* 2007).

3. Estudos Abordados e a sua Ligação com os Modelos da Privação e Importação

Como referido, os estudos empíricos apresentados usam como base os modelos da privação e importação. Por outras palavras, os fatores verificados direcionam-se para o que estes modelos defendem, deste modo, é compreensível afirmar que estes apresentam grande relevância quando se trata da construção de aspetos ou fatores que estejam relacionados com a existência de substâncias em instituições prisionais.

Primeiramente, será feita uma relação dos estudos que recorrem ao modelo da importação aborda e, começando pela investigação de Nevárez-Sida; Constantino-Casas e Castro-Ríos (2012), processa-se que os meios de importação utilizados foram: o historial familiar na infância, historial familiar na idade adulta e o cadastro prévio à reclusão, observando-se que a partilha de um espaço com familiares consumidores de drogas, a saída antecipada da cada de infância são fatores de risco, no que diz respeito, ao uso de estupefacientes. De seguida, Rowell, Wu, Hart, Haile e El-Bassel (2012) utilizaram como aspeto de importação, o historial criminal dos participantes, onde se verificou que,

quanto maior o período de tempo em reclusão e quanto maior o período de tempo de utilização de drogas, maior a probabilidade de abuso. Relativamente, à investigação de Boys e colaboradores (2002), os autores recorrem a meios de importação como, o historial prisional, pessoal e social dos participantes, assim como, o estado psiquiátrico dos mesmos. Quanto ao estudo de Gillespie (2005), o autor destacou como aspeto de importação o consumo e tráfico, prévio à reclusão, de substâncias, indicando que este está relacionado com o abuso de substâncias na prisão. Por último, Lukasiewicz e colaboradores (2007), recorreram ao historial sociodemográfico e familiar dos reclusos, percebendo que reclusos casados e com mais idade não eram tanto associados ao uso de substâncias, contudo, pessoas que foram retiradas antes do tempo das famílias, por sua vez, representavam um fator de risco para o abuso de drogas.

Em segundo lugar, aborda-se novamente alguns estudos com base no modelo de privação. Com este intuito, e lembrando que este modelo apoia que os motivos, reações e atitudes de cada indivíduo podem ser modificadas conforme o stress ligado ao meio prisional. O estudo de James Woodall (2011), percebeu que a pressão entre reclusos e o tédio durante a reclusão são aspetos impulsionadores para a utilização de estupefacientes. No que toca a Gillespie (2005), o autor para além de apresentar aspetos de importação, realça, igualmente, aspetos de privação, como seja, atividades religiosas na prisão, tal como, o período de tempo de encarceramento. Foi possível para o autor compreender que participantes que não faziam parte das atividades religiosas e estão sujeitos a um grande período de reclusão têm maior tendência a consumir. Respetivamente à investigação de Rowell, Wu, Hart, Haile Nabila El-Bassel (2012), a duração da/s pena/s aplicada/s foi o aspeto de privação utilizado, concluindo que quanto maior o tempo de reclusão maior a probabilidade para recorrer ao consumo. De igual modo, Boys e colaboradores (2002), utilizam o mesmo meio do estudo anterior, chegando à mesma conclusão, que quanto maior o período de tempo em encarceramento maior a probabilidade de os participantes utilizarem substâncias ilícitas. Por último e, também relevante, os modelos propostos por Wheatley (2007) podem ser incluídos no modelo de privação (Schmid & Jones, 1993), de tal modo que, todos eles são criados com base em características ambientais e sociais da prisão. Assim, motivos como o combate ao tédio ou aborrecimento (modelo da automedicação); modificar a realidade da reclusão (modelo da gestão de tempo); necessidade de criação de laço entre reclusos (modelo da rede social); necessidade de obter um bom estatuto na prisão (modelo do estatuto); e os incentivos económicos dentro

de paredes prisionais (modelo económico), todos representam a ideia que o modelo da privação pretende transmitir, que no caso, é realçar que diversas condições prisionais podem mudar a perspetiva ou direção dos indivíduos.

Capítulo II – Estudo Empírico

1. Método

1.1. Objetivos e Metodologia

Como mencionado, o estudo será aplicado em contexto prisional com o principal objetivo, de averiguar possíveis motivações e fatores que podem conduzir os reclusos a procurarem o consumo de substâncias ilícitas. Irá se procurar, também, recorrer a uma comparação entre o consumo antes e depois da reclusão dos suspeitos, de modo a perceber, se os aspetos pré-reclusão estão, de modo geral, ligados à procura de drogas em meio prisional.

Neste sentido, foi criada a seguinte questão de investigação:

- Quais fatores/motivações podem influenciar a procura de estupefacientes dentro da prisão?

Como forma de alcançar o objetivo central do estudo, pretende-se obter uma recolha de informações através de um método qualitativo, mais concretamente a partir de uma entrevista. Este método de investigação é adequado dado que, pretende-se compreender que tipos de fatores sociais ou pessoais podem ser verificados em conversas junto da população prisional que, demonstrem porque motivos os reclusos poderão querer consumir no contexto em questão.

1.2. Amostra

Tendo em conta o propósito do presente estudo, a escolha da amostra foi direcionada no sentido de se obter noções junto de técnicos dos serviços prisionais envolventes ou técnicos profissionais de reinserção social (TPRS).

Deste modo, o público-alvo será profissionais prisionais que trabalham no contexto em causa, junto de reclusos com antecedentes toxicodépendentes, esta amostra será de aplicada, inicialmente, em dois estabelecimentos prisionais aleatórios, sendo esperada a participação de pelo menos um enfermeiro, um psicólogo, 5 guardas prisionais, um médico/a e um assistente social presentes no estabelecimento, de modo a que, a recolha de dados possa ser mais eficaz.

A escolha da mesma baseia-se na vivência e interação que estes sujeitos têm ao lado da comunidade reclusa, contudo não é pretendido que exponham o que não desejam durante

a entrevista. Assim, para uma melhor eficácia, pretende-se que tenha ocorrido um contacto prévio entre os profissionais em causa e reclusos com historial de drogas ou toxicoddependência, de modo a que as respostas dadas sejam mais próximas à realidade possível. Um outro critério tido em conta aquando a escolha desta mostra, passa, sobretudo, pelas questões éticas que possam estar envolvidas, com o intuito de agilizar a extração de dados.

Pela escassez de estudos nesta vertente, é pertinente a utilização desta amostra para ajudar a compreender que tipo de motivações se realçam nos discursos das pessoas em reclusão que possam transmitir a ideia de que as mesmas pretendam consumir dentro da prisão.

1.3. Material

Dado que, o âmbito deste estudo é a concretização de uma análise de dados para corroborar com a literatura, como mencionado, o método de investigação optado é a entrevista, cuja será construída e adequada, propositadamente, para o presente projeto (cf. Anexo I), esta é composta por questões diretas, mas com lugar para elaboração caso seja pretendido ou necessário.

O método escolhido para o presente estudo irá abordar as seguintes problemáticas:

- Possíveis motivações e fatores verificados junto dos reclusos durante conversas ou interações com os técnicos dos serviços prisionais, que possam demonstrar interesse pelo o consumo ou tráfico de substâncias dentro das instituições prisionais;
- Procurar verificar se o historial pré-reclusão dos reclusos pode apresentar alguma relevância para a procura de estupefacientes.

1.4. Procedimentos

De forma a que seja possível a abordagem destas questões, junto dos técnicos dos serviços prisionais de cada estabelecimento escolhido, em primeiro lugar, deverá ser solicitada um parecer à Comissão de Ética (cf. Anexo II). Posto isto, deverá se informar e enviar um pedido de autorização à DGRSP (Direção-Geral de Reinserção e Serviços

Prisionais) (cf. Anexo III) assim como, aos diretores de cada instituição prisional (cf. Anexo IV) onde se pretenda realizar o estudo empírico, de modo a que possam consentir a aplicação das entrevistas nos seus profissionais.

Após se obter a autorização do estudo por todas as partes, a seleção dos técnicos irá ser concretizada por parte de cada estabelecimento prisional, dado que não há preferência por parte do/a investigador/a. Posterior à seleção e o/a investigador/a ter acesso aos técnicos que foram selecionados para colaborar na entrevista, o/a mesmo/a irá entrar em contacto com cada possível participante, de modo, a esclarecer em que consistirá a entrevista, assim como, caso o indivíduo aceite a colaboração, irá ser enviada uma declaração de consentimento dirigido aos técnicos em causa (cf. Anexo V), cuja deverá ser rubricada por cada um, como forma de aprovação ao estudo que serão sujeitos, ou seja, como cada um aceita de forma livre participar nesta investigação. Posto isto, cada estabelecimento prisional definirá onde pretende que seja aplicada a entrevista e, apenas depois de tal estar definido é que as entrevistas poderão ser realizadas e conduzidas pelo investigador, não sendo pretendido ter uma duração maior que 1 hora.

Como referido, de modo prévio, os participantes deverão ser esclarecidos sobre em que consiste a investigação, como por exemplo, como a participação na entrevista é apenas voluntária, não sendo necessário a colaboração de todos os profissionais prisionais, mas sim dos que pretenderem contribuir e partilhar os seus conhecimentos. Da mesma forma, os mesmos serão informados que as respostas fornecidas durante a entrevista serão anónimas ao público, não ocorrendo revelação de quem referiu o que, reforçando que tudo o que será mencionado durante a investigação não será utilizado, para além do principal propósito, que no caso é, desenvolver um estudo sobre fatores ligados ao reclusos e consumo de substâncias ilícitas. Porém, para meios informativos os técnicos serão questionados sobre o tempo e categoria que exercem dentro do estabelecimento prisional. Pretende-se, igualmente, que o participante seja imparcial a qualquer tipo de preconceito que possa existir perante os reclusos, isto é, que responda de forma justa e imparcial, segundo os princípios da neutralidade (código de Ética e Conduta da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais).

2. Resultados Esperados

Dado que o atual projeto não terá aplicação prática, os resultados serão apenas supositórios ou hipotéticos, destacando-se apenas os resultados que se espera verificar no caso da aplicação do estudo.

Os resultados pretendidos e, tendo como base as investigações abordadas anteriormente, por diversos autores, estes direcionam-se no sentido de analisar incentivos que a população prisional possa demonstrar com o intuito de recorrer ao consumo ou tráfico dentro de paredes prisionais, incluindo reclusos que consumiam no mundo fora dos estabelecimentos prisionais dado que, um dos possíveis meios de passagem de estupefacientes, em instituições prisionais, é através de sujeitos que já estavam em contacto com substâncias ilícitas antes de serem detidos. É de se presumir que estar encarcerado pode conduzir a que o recluso se sinta sozinho, tendo a necessidade de se integrar em grupos (Wheatley, M. 2007), procurando meios para o conseguir. Para esse efeito, a passagem de drogas ou o consumo das mesmas, segundo estudos, pode ajudar a uma melhor integração entre reclusos. Com o contributo da literatura explorada, é também esperado que fatores como o historial criminal, social e familiar dos reclusos representem fatores de risco para a iniciação ou continuação da utilização de drogas pesadas ou leves dentro das instituições prisionais, serve de exemplo, caso uns reclusos frequentem o estabelecimento prisional há muitos anos ou tenha muitos antecedentes de drogas associados a eles; caso o recluso, aquando jovem, tenha sido retirado precocemente do seu meio familiar ou tenha assistido a momentos perturbantes entre familiares ou amigos.

Este é um dos sentidos que o estudo pretende seguir e analisar, perceber até que ponto os fatores encontrados nas investigações abordadas se podem corroborar com a realidade, do ponto de vista de, como seja, psicólogos ou guardas prisionais. É esperado que a aplicação destas entrevistas junto dos profissionais que trabalham na prisão, elucidem sobre como é que os reclusos se poderão sentir para continuarem à procura de drogas dentro das instituições prisionais, e até que ponto, o historial familiar e social pode ser introduzido nesta questão. Dado que, a amostra escolhida interage com a população prisional, em princípio, é possível compreender o que os profissionais prisionais pensam que população reclusa sente em relação às drogas e que atitudes têm perante essas.

Todavia, podem ocorrer limitações no que diz respeito à temática do projeto ou à participação dos técnicos da instituição prisional selecionada, uma vez que, mesmo que, inicialmente, os participantes colaborem pode ocorrer perguntas ou temas que não possam ou não pretendam desenvolver sobre. É preciso ter em conta que, determinadas questões serão direcionadas a uma área específica. Do mesmo modo, pode representar uma limitação a este projeto, o facto de não ser encontrada muitas investigações portuguesas relativamente a esta temática e, dado que, os resultados esperados desta investigação têm como base investigações realizadas no estrangeiro, pode levar a que os resultados obtidos não sejam verdadeiros quando se trata da população reclusa portuguesa.

Conclusão

Em modo conclusivo, a procura de estupefacientes por parte dos reclusos pode ter a influência de várias motivações pessoais e sociais, desde quererem se sentirem integrados num grupo tipificado até ao desejo de subir no seu estatuto dentro do estabelecimento prisional, não desprezando o facto de que Torres e Gomes (2002) dividiram a população prisional em três perfis, com base em dados sociodemográficos.

Como referido, o presente projeto pretende averiguar se os sujeitos têm potencial ou motivações que se possam inserir nos fatores estudados por variados autores, como por exemplo, Michael Wheatley (2007), Gillespie (2005), James Woodall (2011), entre outros. Desta maneira, apesar de existir, de modo abrangente, literatura estrangeira a cerca dos estabelecimentos prisionais e tudo o que pode envolver os mesmos, essa não é tanto a nível nacional, o que dificultou a procura de teorias e propostas que justificassem a temática do projeto. Ainda assim, foi possível a elaboração do projeto, dado que o consumo de estupefacientes, em contexto prisional, é abordado por diversos países.

O método escolhido, como mencionado, é composto por questões diretas, podendo os técnicos prisionais participantes responder à vontade desde que respeite os critérios éticos a que possam ser sujeitos. Espera-se que a recolha de dados sejam neutra, mas que seja possível corroborar com dados encontrados nos estudos abordados neste projeto.

Relativamente à aplicação futura deste estudo, é pretendido que seja possível aumentar o número de estabelecimentos prisionais escolhidos, assim como, a respetiva amostra. Um dos pontos positivos da proposta deste projeto é que pode ter aplicações

futuras e, caso seja desejado por outros profissionais, como por exemplo, em centros educativos junto de jovens, contudo a mesma terá que ser adaptada ao contexto pretendido.

Finalmente, a concretização deste trabalho permitiu uma extensão do conhecimento no que diz respeito a motivos e aspetos relacionados ao uso drogas dentro dos estabelecimentos prisionais, sendo de grande importância a continuação da abordagem desta questão, de modo a que, seja possível verificar evolução que a mesmo tem na população reclusa.

Bibliografia

- Boys, A., *et al.* (2002). Drug use and initiation in prison: results from a national prison survey in England and Wales. *Addiction* (Abingdon, England), 97(12), pp. 1551–1560. doi:10.1046/j.1360-0443.2002.00229.x
- Cope, N. (2003). It's No Time or High Time: Young Offender's Experiences of Time and Drug Use in Prison". *The Howard Journal of Criminal Justice*. 42, doi: 10.1111/1468-2311.t01-1-00273
- DGRSP. (2020). Estatísticas e Indicadores
- EMCDDA (2002). Annual report on the state of the drugs problem in the European Union and Norway. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities
- Gillespie, W. (2005). A Multilevel Model of Drug Abuse Inside Prison. *The Prison Journal*, 36 (2), pp-223-246, doi: 10.1177/003288550527702
- Keene, J. (1997). Drug misuse in prison: views from inside: a qualitative study of prison staff and inmates, *Howard Journal*, 36, pp.28–41
- Khantzian, E. J. (1997). The Self-Medication Hypothesis of Substance Use Disorders: A Reconsideration and Recent Applications. *Harvard Rev Psychiatry*, 4 (5), pp. 231-244
- Lukasiewicz, M., *et al.* (2007). Prevalence and factors associated with alcohol and drug-related disorders in prison: a French national study. *Substance abuse treatment, prevention, and policy*, 2, 1. doi:10.1186/1747-597X-2-1
- Montanari, L., Royuela, L., Hasselberg, I., Vandam, L. (2022). Prison and drugs in Europe: Current and future challenges. doi: 10.2810/420042
- Nevárez-Sida, A., Constantino-Casas, P. & Castro-Ríos, A. (2012). Socioeconomic factors associated with drug consumption in prison population in Mexico. *BMC Public Health*, 12(33). doi:10.1186/1471-2458-12-33
- Plourde, Chantal, and Serge Brochu. (2002). "Drogue et alcool durant l'incarcération: examen de la situation des pénitenciers fédéraux québécois." *Revue canadienne de criminologie* 44 (2): pp. 209–40

- Ross, M. W., Diamond, P. M., Liebling, A., & Saylor, W. G. (2008). Measurement of prison social climate: A comparison of an inmate measure in England and the USA. *Punishment & Society*, 10(4). doi:10.1177/1462474508095320
- Rowell, T. L., Wu, E., Hart, C. L., Haile, R., & El-Bassel, N. (2012). Predictors of drug use in prison among incarcerated Black men. *The American journal of drug and alcohol abuse*, 38(6), 593–597. doi:10.3109/00952990.2012.694536
- Schimid, T. J., & Jone, R. S. (1993). Ambivalent actions: Prison Adaptation Strategies of First-Time, Short-Term Inmates. *Journal of Contemporary Ethnography*, 21(4), pp. 439– 463. doi:10.1177/089124193021004002
- Soares FRR, *et al.* (2020). Reasons of drug use among adolescents: implications for clinical nursing care. *Rev Esc Enferm USP*. doi: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018058003566>
- Soothill, K. (2007). “Prison histories and competing audiences, 1776-1966.” Jewkes, Y. (Ed.), *Handbook on prisons*, Willan Publishing, Cullompton, pp. 27-48
- Thomas, C.W. and Foster, S.C. (1973). The Importation Model Perspective on Inmate Social Roles: an Empirical Test. *The Sociological Quarterly*, 14(2), pp. 226-234. doi:10.1111/j.1533-8525.1973.tb00855.x
- Torres, A. (2005). Drogas e Prisões: Relações Próximas. *Revista TOXICODPENDÊNCIAS*, Ed. IDT, 11 (2), pp. 23-40
- Torres, A., Gomes, M. (2002). Drogas e Prisões em Portugal
- Tralhão, R. (2004). Droga e Crime em Portugal: Estudo de uma População Prisional. *Interações*, 6, pp. 39-86
- Wheatley, M. (2007), “Drugs in prison”, Jewkes, Y. (Ed.), *Handbook on prisons*, Willan Publishing, Cullompton, pp. 399-422
- Woodall, J. (2011). Social and environmental factors influencing in-prison drug use. *Health Education*, 112 (1), pp. 31 - 46. doi:10.1108/09654281211190245

ANEXOS

ANEXO I – Entrevista Dirigida aos Técnicos dos Serviços Prisionais

Entrevista Semiestruturada dirigida aos Técnicos dos Serviços Prisionais

(Ana Borges, 2022)

Universidade Fernando Pessoa

A presente entrevista incorpora-se num Projeto de Graduação, no âmbito da conclusão do 1.º ciclo de estudos em Criminologia, sobre que tipo de motivações são encontradas nos discursos das pessoas em reclusão para estas consumirem drogas na prisão, como também que tipo de trajetória desviantes droga-crime são mais frequentes dentro dos EP's.

Salienta-se que, todas as respostas são confidenciais tendo como fim apenas uma investigação científica. Não é procurado saber o nome do profissional dado que, apenas é relevante ao estudo as suas respostas durante a entrevista.

- Há quanto tempo exerce neste Estabelecimento Prisional?
- Qual a sua categoria profissional nesta instituição?
- De um modo geral, qual a faixa etária que demonstra mais interesse pelo consumo ou tráfico de estupefacientes?
- Reclusos com historial de toxicoddependência procuram meios de obter droga dentro da prisão? Se sim, porque razão acha que o fazem?
- Durante interações com a população reclusa verificou alguma tendência para a continuidade de consumo ou tráfico de estupefacientes?
- Considera que há atenção suficiente às necessidades de um recluso? Ou há lugar para melhorar esta questão?
- O uso de drogas pode ser considerado um meio para lidar com os problemas dentro do estabelecimento?
- No caso de um recluso se sentir sozinho, este pode ter tendência a se refugiar nas drogas?
- Caso seja descoberto abuso de droga por parte de algum recluso, vão tentar perceber como entrou e porque razão o suspeito a tem na sua posse? Nesta situação, quais são os procedimentos realizados?
- Qual é a droga mais procurada aqui dentro pela população reclusa?

- Durante o discurso com um recluso, já aconteceu ficar alarmado/a com algum comentário que levasse a querer que este consome ou trafica estupefacientes entre a população reclusa?
- O estatuto entre reclusos é importante? Se sim, acredita que a droga é um meio para subir na hierarquia social dentro da prisão?
- A integração entre a população reclusa é importante. Durante algum momento com a mesma foi perceptível se utilizam o abuso ou o tráfico de drogas para esse efeito?
- O período de tempo passado dentro de estabelecimento prisionais, do ponto de vista dos reclusos, é monótono. Recorrer ao uso de substâncias é considerada uma forma de gestão de tempo entre a população?
- Considera caso um indivíduo trafique droga dentro do meio prisional, procura incentivar outros para obter lucro financeiro?
- Nos suspeitos que possa verificar tendências para o abuso/tráfico de drogas, de um modo geral, apresentam um grande historial de reclusão?
- Na sua experiência, um historial familiar desfavorecido pode resultar, futuramente, no indivíduo a procura do uso de substâncias ilícitas?
- Ainda, com base na sua experiência, considera a convivência, na infância, com familiares ou amigos abusadores de drogas um fator de risco respeitante ao consumo de drogas?

ANEXO II – Solicitação de um parecer à Comissão de Ética

Pedido de Parecer à Comissão de Ética

Exm/a. Senhor/a
Coordenador/a da Comissão de Ética da UFP

Assunto: Pedido de parecer

Nome do Proponente: Ana Borges

Nome do Investigador Principal/Orientador: X

Título do projeto de investigação: “Fatores Ligados ao Consumo de Droga na População Reclusa: Estudo Empírico”

Contexto do Projeto: O respeitante estudo passa por compreender a ligação entre a procura de substâncias ilícitas e os suspeitos que se enquadram nas trajetórias desviantes droga-crime, para esse propósito, peço autorização para realizar uma entrevista semiestruturada aos técnicos dos serviços prisionais que tenham ou tiveram ligação com reclusos com historial de uso de drogas presentes em X estabelecimento prisional. Este método contribuirá para averiguar certas questões pertinentes para o projeto.

Pretendo realizar em _____ o Projeto de Investigação identificando em epígrafe, solicito a V. Exa., a sua apreciação e a elaboração do respetivo parecer.

Com os melhores cumprimentos.

Porto, (data)

O PROPONENTE

ANEXO III - Pedido de Autorização à DGRSP para a Implementação das Entrevistas

Pedido de Autorização à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

Eu, Ana Rita Coelho Borges, aluna do último ano do 1º Ciclo de Estudos em Criminologia na Universidade Fernando Pessoa, sob a orientação da Professora Doutora Glória Jólluskin, venho por este meio pedir a autorização da DGRSP para a concretização de um projeto de investigação, intitulado “Fatores ligados ao consumo de drogas na População Reclusa: Estudo Empírico” na X Instituição Prisional.

O respeitante estudo passa por compreender a ligação entre a procura de substâncias ilícitas e os suspeitos que se enquadram nas trajetórias desviantes droga-crime, para esse propósito, peço autorização para realizar uma entrevista semiestruturada aos técnicos dos serviços prisionais que tenham ou tiveram ligação com reclusos com historial de uso de drogas presentes em X estabelecimento prisional. Este método contribuirá para averiguar certas questões pertinentes para o projeto.

Pretendo salientar que todos os questionários efetuados serão voluntários e anônimos, dado que, nenhum recluso terá que revelar a sua identidade. Se possível, penas o investigador terá acesso à mesma.

Agradeço a Atenção!

Data: _____

Assinatura: _____

ANEXO IV – Pedido de Autorização Formal ao Diretor do Estabelecimento Prisional

Pedido de Autorização Formal dirigida ao Diretor do Estabelecimento Prisional

Eu, Ana Rita Coelho Borges, aluna do último ano do 1º Ciclo de Estudos em Criminologia na Universidade Fernando Pessoa, sob a orientação da Professora Doutora Glória Jóluskin, venho por este meio pedir a autorização da V. Excelência para a concretização de um projeto de investigação, intitulado “Fatores ligados ao consumo de drogas na População Reclusa: Estudo Empírico” nesta Instituição Prisional.

O respeitante estudo passa por compreender a ligação entre a procura de substâncias ilícitas e os suspeitos que se enquadram nas trajetórias desviantes droga-crime, para esse propósito, peço autorização para realizar uma entrevista semiestruturada aos técnicos dos serviços prisionais que tenham ou tiveram ligação com reclusos com historial de uso de drogas neste estabelecimento prisional. Este método contribuirá para averiguar certas questões pertinentes para o projeto.

Pretendo salientar que todos os questionários efetuados serão voluntários e anônimos, dado que, nenhum recluso terá que revelar a sua identidade. Se possível, apenas o investigador terá acesso à mesma.

Agradeço a atenção!

Data: _____

Assinatura: _____

ANEXO V – Declaração de Consentimento Informado dirigido aos Técnicos dos
Serviços Prisionais

Declaração de Consentimento Informado

Eu, _____, aceito participar na presente investigação, a decorrer no âmbito do 1º Ciclo de Estudos em Criminologia, da responsável aluna, Ana Rita Coelho Borges, aluna na Universidade Fernando Pessoa.

Compreendo que a minha participação é voluntária e anónima, e que posso interromper a minha participação sem ter que prestar qualquer justificação. Previamente à minha aceitação de participação neste estudo, foram explicados os seus objetivos assim como, os seus procedimentos.

Após a assimilação do que envolve o estudo, concordo em participar voluntariamente. Foi-me entregue uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Data: _____

Assinatura do Investigador

Assinatura do Participante